



MEDITAÇÕES PROFISSIONAIS

Operações aerotáticas na próxima década: "a rutura do ritmo".

Maj Brig do Ar RR – LAURO NEY MENEZES

O recente primeiro vôo do nosso AMX trouxe a baila um sem-número de questões e interrogações ao seio dos profissionais-do-ar. Não que essas (e outras) questões e perguntas já não estivessem em pauta nos nossos corredores, salas de pilotos ou à mesa do rancho... apenas ganharam a substância de "ser atual", após a ocorrência desse primeiro vôo. Mas, isso não é verdadeiro só para aqueles que viram e participaram do assentamento das primeiras pedras dos pilares que embasaram esse projeto binacional, mas também para todos os que acompanham com avidez esse programa.

Esse sem-número de interrogações tem como origem as especificações técnicas desse novel sistema de armas e repousa, fundamentalmente, nos aspectos conceituais e doutrinários do dia-a-dia da Força. Ou seja, no ângulo "filosófico" da questão: a entrada dessas novas "ferramentas de trabalho" (do tipo AMX) em serviço não imporá uma evolução (ou revolução) nos conceitos de emprego do Poder Aéreo Brasileiro (ou mesmo "terceiro-mundista")?

Pergunta-se, ainda com muita propriedade: Como se apresentará o campo de batalha aerotático nos anos 2000? Para qual direção – em suas grandes linhas – evoluirão as armas e os sistemas bélicos de

aplicação tática? Em quais setores da tecnologia aeroespacial de aplicação tática estarão as futuras potencialidades (ou debilidades)? Face à incessante sofisticação dos armamentos de terra, mar e ar e no plano dos conceitos globais de emprego tático, qual será o encaminhamento a ser dado à visão de aplicação dos Poderes Aéreo, Terrestre e Marítimo?

Isso porque, aventar a introdução de qualquer novo sistema de armas, sem posicioná-lo no amplo e futuro contexto operacional, é apenas descobrir a parte visível: "o 1/10 de um iceberg flutuando". E o restante?

A concepção e a entrada em serviço de um novo sistema de emprego operacional (ou de armas) estão estreitamente condicionados a um grande conjunto de variáveis, mais ou menos ocultas, e que se denominam alta integração sistêmica, guerra eletrônica, comando, controle e comunicações, informações (C³ I), avaliação da ameaça, competência tecnológica inimiga, etc. Além disso, com a atual velocidade das conquistas tecnológicas, é até possível esperar que alguns sistemas bélicos, extremamente eficazes nos dias de hoje, não consigam ver romper o ano 2000 ainda em estado operacional...

De qualquer forma, há uma realidade inquestionável: à medida que a tecnologia aeronáutica avança e passa a ser dominada por um grande número de países emergentes (os novos fabricantes de aeronaves), os vetores e sistemas que estão prestes a adquirir o "status" operacional no Terceiro Mundo, na década de 90, estão compelidos irremediavelmente a fazer frente às imposições de uma nova arena de combate.

O que se pretende dizer é que, com a conquista de algumas novas posições no campo da tecnologia da aeroeletrônica, dos sistemas de visada-e-direção-de-tiro, das munições e das armas, do sensoramento, da guiagem e controle, etc., alguns países (entre eles o Brasil) poderão, com os modernos sistemas de visualização/aquisição de alvo e lançamento/arremesso das armas (que é o caso do AMX), abandonar as operações exclusivamente diurnas (ou visuais) de hoje, para passar à arena onde o claro/escuro e o visível/não visível perderão o sentido. E assim haverá uma "rutura no ritmo" tradicional de operar e cumprir as missões táticas: a arena de combate passará a ser contínua, sem que haja a restrição do dia-noite, do visual e do "instrumento", da boa ou má visibilidade...

Resta meditar e preparar-se para essa dimensão... para esse novo ritmo.